



ASSINE

BATE-PAPO

BUSCA

CENTRAL DO ASSINANTE

E-MAIL

SHOPPING UOL

IND

PÁGINA 20
on-line

Rio Branco-AC, 14 de dezembro de 2003



COTIDIANO
COLUNAS
ENTREVISTA
ESPECIAL
ESPORTE
POLÍTICA
OPINIÃO
VIA PÚBLICA
EDIÇÕES
EXPEDIENTE
E-MAIL

ESPECIAL
ENTREVISTA

A tecnologia pode transformar vidas

O Brasil tem se destacado mundialmente por programas pioneiros de uso de novas tecnologias de informação por comunidades carentes

Para o idealizador do Comitê para a Democratização da Informática (CDI) no Brasil, Rodrigo Baggio (foto), a inclusão digital deve ser tratada como política pública pelo governo brasileiro. Segundo ele, o Brasil tem se destacado mundialmente por programas pioneiros de uso de novas tecnologias de informação por comunidades carentes. O próprio CDI já criou 833 escolas de informática e cidadania, em 20 Estados brasileiros, mostrando como a tecnologia de informação tem poder de transformar vidas e comunidades. Mas, segundo ele, é preciso um investimento muito maior para que o Brasil possa entrar na chamada Sociedade da Informação. Leia a seguir os principais trechos da entrevista de Rodrigo.



GIRO GERA
Com Moisés
NA TRIBO
Com Robert
PORONGA
Com Leonil
ANCELMO G
Com Anceln

Google

Quais são as consequências da exclusão digital para a sociedade brasileira?

Estamos vivendo numa nova era, a era da informação, que está rapidamente sendo implementada no nosso país. O que acaba acontecendo é que as pessoas que não têm acesso à tecnologia ficam à margem e excluídas de tudo de bom que essa nova sociedade da informação e do conhecimento traz em relação ao lazer, entretenimento, mas o mais importante: emprego, renda e educação. Estamos vivendo um período em que legiões de excluídos tecnológicos estão se formando e constituirão uma nova casta, a dos analfabetos digitais. É nesse sentido que precisamos promover a inclusão digital e integrar essas pessoas de baixa renda à sociedade da informação e do conhecimento.

Como essas novas tecnologias da informação podem efetivamente reduzir as diferenças sociais no país?

Hoje, em qualquer pesquisa que se faça perguntando aos jovens brasileiros de baixa renda o que eles querem aprender, a informática sempre aparece em primeiro lugar. Existe um forte desejo por parte desses jovens de aprender a utilizar essa tecnologia da informação. Isso acontece não só por ser uma novidade - algo que eles querem muito aprender e estão sendo bombardeados por informações vindas da mídia -, mas porque eles sabem concretamente que hoje, para a entrada no mercado de trabalho, saber utilizar a tecnologia é um diferencial fundamental. Se um jovem em situação de risco social procura um emprego e sabe utilizar o computador, isso é um diferencial muito grande na vida dele. Outro impacto é na empregabilidade, na renda. Por meio de uma avaliação externa, nós descobrimos que 79% das pessoas que procuram escolas de informática e cidadania têm como objetivo conseguir emprego. Além disso, a internet, se utilizada como uma ferramenta cidadã, pode ser uma ponte digital de integração social.

O Ibope divulgou este ano uma pesquisa dizendo que somente 25% dos brasileiros são capazes de ler e entender efetivamente o que está escrito. Diante de um analfabetismo funcional tão grande, o país não corre o risco de apenas ensinar a população a operar máquinas sem capacitá-las para o real aproveitamento do conteúdo que a rede oferece?

Essa é uma questão bastante importante porque muitas pessoas pensam que devemos priorizar somente uma questão na área social em detrimento de outras. Na verdade, a luta para transformar a sociedade brasileira é uma luta que tem de ser travada nas mais diferentes áreas e frentes. É importante saber que o tema da inclusão digital é estratégico e é importante também ter a percepção de que qualquer esforço na área de alfabetização de pessoas de baixa renda deve estar somado à alfabetização digital. Assim nós poderíamos potencializar um esforço, seduzindo e envolvendo mais esses jovens, que, com certeza, teriam muito mais prazer em aprender. Também estaríamos, simultaneamente, ganhando tempo, à medida que a gente pode, com uma ação sinérgica, combater dois problemas importantes na nossa sociedade. Nós deveríamos estar investindo mais energia nesse processo de combate ao analfabetismo funcional e digital conjuntamente, assim poderíamos alavancar mais resultados.

Qual a importância de se incluir digitalmente os povos indígenas, como vem fazendo o CDI? Em certa medida, isso não poderia ser interpretado como uma interferência do branco na cultura dos índios?

Existem muitas pessoas que pensam que não só os índios, mas a Amazônia brasileira como um todo deveria ter uma cúpula protegendo-a de todas as ações externas, quando na verdade nós, muitas vezes, nos esquecemos de perguntar às comunidades indígenas o que elas querem da cultura branca. É muito importante a gente perceber que os índios devem e podem ser os senhores de seu próprio futuro, podem construir a sua própria nação. O Mapa da Exclusão Digital – elaborado em 2003 pelo CDI em parceria com a Fundação Getúlio Vargas - mostra que as comunidades indígenas são, por etnia, o setor da sociedade brasileira de maior exclusão digital. No trabalho do CDI e da Funai (Fundação Nacional do Índio) em Angra dos Reis (RJ), na aldeia dos Guarani, nosso primeiro passo foi conversar com as lideranças indígenas e buscar desenvolver com eles todo um debate sobre a importância ou não do uso da tecnologia. E foi impressionante ver como os índios já estavam mobilizados e querendo se apropriar da tecnologia da informação. Por meio de uma assembleia, as lideranças da aldeia votaram com entusiasmo na chegada da tecnologia. Foi gratificante ver como eles utilizaram esse mecanismo para reafirmar a cultura indígena. Para não usar a palavra “computador” em português, criaram uma em guarani que significa caixa para se acumular a língua.

A percepção hoje é que a internet poderia criar um novo tipo de organização que eles chamavam de cidade florestal. Da mata, os índios podem manter contato com o mundo dos brancos. Podem pesquisar se os direitos deles estão sendo respeitados pelo governo, se houve invasões de suas terras, se há epidemia de alguma doença na região. A partir disso, o CDI fez uma parceria este ano para a implementação da Rede Povos da Floresta, de internet via satélite, em duas aldeias no Acre, além dos índios guaranis que já usam a tecnologia desde 1999.

O CDI, além das escolas de informática e cidadania, desenvolve projetos dentro das penitenciárias. Como isso foi desenvolvido?

Em 2000, um coordenador da área educacional de uma penitenciária de segurança máxima no Rio de Janeiro nos procurou com um desafio. Os detentos queriam muito utilizar a tecnologia, e ele via isso como uma forma de auto-estima e ocupação qualitativa do tempo. Nós aceitamos como um desafio, e o impacto foi imediato porque dos 700 presos, 150 eram analfabetos. Depois de dez meses, passamos a ter zero analfabeto nessa penitenciária. Além disso, antes do programa, a relação preso-carcereiro era quase uma relação senhor-escravo. Quando os guardas começaram a perceber que os presos estavam não só aprendendo, mas também ensinando tecnologia, eles também reivindicaram o direito de aprender a nova tecnologia.

Como o senhor vê a situação do Brasil nessa chamada Sociedade da Informação?

O Brasil, de acordo com o índice da ONU, que mede a criação e também a democratização da tecnologia em 80 países, está em 46º lugar. Isso mostra que não estamos numa posição de destaque, mas estamos na metade do caminho. O Brasil é hoje um exemplo muito grande na área de tecnologia na

... e Brasil e hoje um exemplo muito grande na área de tecnologia na questão das urnas eletrônicas das eleições, por exemplo. Na verdade, somos reconhecidos mundialmente e de uma forma empreendedora e inovadora pelo exemplo da sociedade civil organizada. O CDI, por exemplo, tem contribuído para que estejamos entre os países líderes em ações de inclusão digital. Temos projetos pioneiros que, se o governo e a iniciativa privada investissem, seria possível dar escala a isso sem que se precisasse começar do zero. O grande desafio é investir, potencializar essas iniciativas.

© Copyright Página 20 todos os direitos reservados - Imprimir - TOPO